

COMUNICAÇÕES

A Encíclica "Populorum Progressio"

Atualmente já nos é possível tentar uma primeira apreciação global das diversas reações suscitadas na opinião pública mundial pela Encíclica *Populorum Progressio*. Não é nossa intenção analisar pormenorizadamente os diversos comentários da imprensa mundial; nosso objetivo nessa breve nota é apenas de ressaltar dois em três pontos em relação ao «humanismo» da encíclica. Antes porém desejamos observar que diversamente da *Mater et Magistra* e da *Pacem in terris*, *Populorum Progressio* não veio apenas avivar a consciência social dos povos, mas gerou também profundas tensões. Tem-se a impressão de que a recente encíclica provocou ou acentuou uma ruptura psicológica entre ambientes católicos conservadores e alguns setores da hierarquia eclesiástica. Sintomático no caso foram os ataques de certa imprensa conservadora na Itália, França, EE.UU. e até mesmo Brasil, às diretivas papais. Por outro lado viu-se um grande esforço em setores de esquerda por uma «instrumentalização» da encíclica, buscando uma identificação da doutrina pontifícia com certos tipos de ideologia. Diante destas tensões e alinhamentos doutrinários, sempre é conveniente recordar que a encíclica deve ser lida não como um resumo ou introdução a uma sociologia ou economia do desenvolvimento. Do mesmo modo que precedentes documentos pontifícios, neste Paulo VI deseja permanecer em sua esfera de competência de Pastor e Doutor. As indicações econômicas, técnicas ou políticas constituem apenas um ponto de partida para as considerações de ordem social, moral, espiritual e religiosa, que visam fundamentalmente instaurar uma civilização realmente solidária entre os homens.

Que significa desenvolvimento para Paulo VI? Em poucas palavras: os homens aspiram «realizar, conhecer e possuir mais, para ser mais» (nº 6). Também os povos possuem esta aspiração, «os que ainda há pouco tempo conseguiram a independência nacional, sentem a necessidade de acrescentar a esta liberdade política um crescimento autônomo e digno, tanto social como econômico, a fim de garantirem aos cidadãos o seu pleno desenvolvimento humano e de ocuparem o lugar que lhes pertence no concerto das nações» (nº 6). Este desejo é legítimo, afirma Paulo VI, reiterando as expressões de João XXIII sobre o direito ao desenvolvimento.

Tais frases, a primeira sobretudo, implicando um julgamento sobre o desenvolvimento e um julgamento sobre o homem, constituem provavelmente as afirmações teológicas mais importantes desta encíclica.

Não vamos enumerar todos os elementos contidos na Encíclica ao elaborar uma doutrina sobre o desenvolvimento, queremos apenas, seguindo de perto o excelente artigo do P. Calvez publicado na revista *Projet*, maio 1967, relevar que o desenvolvimento é também uma vocação do homem: o homem é um ser em desenvolvimento, eis por que o desenvolvimento para ser integral deve ser de todo homem e de todos os homens.

O concílio já havia manifestado isto bem explicitamente: «Sempre o homem procurou, com o seu trabalho e engenho, desenvolver mais a

própria vida... Uma coisa é certa para os crentes: a atividade humana individual e coletiva, aquele imenso esforço com que os homens, no decurso dos séculos, tentaram melhorar as condições de vida, correspondem à vontade de Deus. Pois o homem, criado à imagem de Deus, recebeu o mandamento de dominar a terra com tudo o que ela contém e governar o mundo na justiça e na santidade e, reconhecendo Deus como criador universal, orientar-se a si e ao universo para Ele; de maneira que, estando todas as coisas sujeitas ao homem, seja glorificado em toda a terra o nome de Deus» (*Gaudium et Spes*, ns. 33, 34). Paulo VI, por outro lado, declara na encíclica: «Nos desígnios de Deus, cada homem é chamado a desenvolver-se, porque toda a sua vida é vocação» (nº 15). Ressalte-mos a união destes dois termos vocação e desenvolvimento.

Devemos compreender igualmente que existe uma relação íntima entre esta característica do homem, ser em desenvolvimento, e a definição do homem como liberdade. O documento pontifício de modo bem preciso vincula esta liberdade à capacidade de desenvolvimento que existe no homem. Portanto o desenvolvimento não é um simples crescimento natural, como de uma planta ou animal: «ajudado, por vezes constringido, por aqueles que o educam e rodeiam, cada um, sejam quais forem as influências que sobre ele se exerçam, permanece o artifice principal do seu êxito ou do seu fracasso: apenas com o esforço da inteligência e da vontade, pode cada homem crescer em humanidade, valer mais, ser mais» (nº 15).

Mais ainda, se o desenvolvimento, em vez de ser um simples processo natural e necessário, é a expressão da liberdade, ele não é um processo facultativo para um ser livre: «assim o crescimento humano constitui como que um resumo dos nossos deveres». Expressão bastante rica que evoca toda «moral do futuro».

Este desenvolvimento não é apenas um dever para o homem, mas o destino de toda humanidade. Tal convicção rompe com certo individualismo que se encontra freqüentemente nos aspectos soteriológicos e morais do pensamento cristão. «Não é apenas tal ou tal homem: são todos os homens que são chamados a este pleno desenvolvimento. As civilizações nascem, crescem e morrem. Assim como as vagas na enchente da maré avançam sobre a praia, cada uma um pouco mais que a antecedente, assim a humanidade avança no caminho da história. Herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, temos obrigações para com todos, e não podemos desinteressar-nos dos que virão depois de nós aumentar o círculo da família humana. A solidariedade universal é para nós não só um fato e um benefício, mas também um dever» (nº 17). Conseqüência disto, a solidariedade é um dever fundamental de todos em relação ao desenvolvimento.

Do mesmo modo que a liberdade se insere profundamente em todo processo de desenvolvimento pessoal, a solidariedade ativa deve informar todo processo de desenvolvimento coletivo. Eis por que os «sábios» são mais importantes do que os técnicos: «Se a procura do desenvolvimento pede um número cada vez maior de técnicos, exige um número cada vez maior de sábios de reflexão profunda, em busca de um humanismo novo, que permita ao homem moderno o encontro de si mesmo, assumindo os valores superiores do amor, da amizade, da oração, da contemplação. Assim poderá realizar-se em plenitude o verdadeiro desenvolvimento, que é, para todos e para cada um, a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas» (nº 20).

Portanto o ponto de referência fundamental de toda encíclica é um desenvolvimento de toda humanidade sem reduzi-lo a meros processos mecânicos, tecnológicos ou naturais; tais processos são fruto de liberdades solidariamente engajadas. *Pe. R. Ozanam de Andrade, S.J., Roma.*

Balanço da Situação Atual da Igreja no Brasil

Nos dias 27 a 31 de janeiro último estiveram reunidos, no IV Encontro, no Rio de Janeiro, os Secretários Regionais, Secretariados Nacionais e o Secretário Geral da CNBB, para colocar em comum avaliação o trabalho realizado pelos Regionais, em 1966, e as perspectivas que se abrem. Perguntavam-se sobre a situação efetiva dos Regionais em face do objetivo geral e dos seis objetivos específicos de ação da Igreja, preconizados pelo Plano de Pastoral: até onde as tarefas executadas, as instituições e estruturas montadas estão respondendo às exigências desta realidade em vista dos objetivos a serem atingidos? O resultado foi bastante positivo, como se poderá ver pela síntese que a seguir será apresentada:

LINHA 6: LEVAR TODOS OS HOMENS A UMA MAIOR COMUNHÃO DE VIDA EM CRISTO E ENTRE SI, ATRAVÉS DE SUA INSERÇÃO, COMO FERMENTO, NA CONSTRUÇÃO DO MUNDO, SEGUNDO OS DESÍGNIOS DE DEUS

Baseados nos relatórios dos Regionais focalizaremos 5 aspectos da realidade, em vista do objetivo da Linha 6: demográfico, econômico, social, educacional e o aspecto da opinião pública.

1. *Situação demográfica.* — Em todos os Regionais esta situação caracteriza-se por uma *explosão demográfica*, que marca, hoje, a evolução populacional do Brasil, com taxa um pouco superior a 3,00% ao ano. Esta taxa é hoje mantida, em grande parte, pela diminuição do índice de mortalidade infantil. Estas observações de ordem geral apresentam situações características nos diversos Regionais e, às vezes, diversidade dentro do mesmo Regional.

Outro aspecto de grande importância é a *estrutura etária*, com um contingente populacional mais numeroso, na faixa inferior a 21 anos. Além de conseqüências de ordem econômica, este fator tem uma grande importância educacional. Observa-se, hoje, um profundo choque entre gerações novas e adultas, com grandes dificuldades de diálogo, aceitação mútua e integração.

A *distribuição* desta população apresenta, igualmente, grandes discontinuidades. Em alguns Regionais, o índice de urbanização já atinge quase o nível dos países desenvolvidos. Outros, conservam uma população rural superior a 80%. Encontramos grandes cidades com maciça concentração demográfica e, ao mesmo tempo, territórios imensos (Amazônia, Mato Grosso), marcados por uma extrema rarefação.

Convém ainda salientar a *composição étnica* destas populações. Em algumas regiões, processou-se uma mescla bem pronunciada das diversas raças, que compõem nossa nacionalidade. Em diversas regiões encontram-se ainda tribos indígenas primitivas (principalmente Amazônia, Mato Grosso, Goiás, Maranhão). As regiões centro-sul acusam contingentes consideráveis de populações de origem asiática e européia recente. Outras áreas conservam certos redutos de populações africanas, com seus costumes e ritos tradicionais.

Os *deslocamentos e a mobilidade* destas populações apresentam intensificação crescente nos últimos anos, criando situações difíceis, tanto nas áreas de repulsão (interior do Nordeste, Minas Gerais, Estado do Rio, Espírito Santo, algumas áreas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, etc.), como nas áreas de atração demográfica (grandes cidades, especial-

mente Rio de Janeiro e São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Norte do Paraná, fronteira sudoeste, Maranhão, Acre e algumas áreas da Amazônia). Além destes deslocamentos, de caráter permanente, assinalam-se ainda os deslocamentos periódicos, e mesmo diários, provocados pela necessidade de trabalho, estudo, turismo, etc.

Estas considerações nos mostram que estamos em um mundo que começa a ser móvel, rompendo estruturas, intensificando a comunicação entre os homens. Não podemos, porém, esquecer que estes deslocamentos se realizam, às vezes, em condições infra-humanas, provocando sérios desequilíbrios sociais.

Com o avanço da civilização para o Norte e para o Oeste, podemos prever uma continuidade e mesmo um aumento destas migrações.

Em face desta situação nada ou quase nada tem sido empreendido, seja da parte do Governo (órgãos federais e estaduais), seja da parte de instituições particulares. Algumas dioceses têm-se preocupado com o problema e prestado algum serviço. Atualmente se elabora um plano para a Rio-Bahia. A Comissão Católica Brasileira de Migrações (CCBM) que se dedica aos imigrantes estrangeiros, hoje em número muito reduzido, não está encontrando condições de promover um trabalho em função das migrações internas. Por sua vez, o esforço, nesse sentido, deve ser empreendido por todos os responsáveis, dentro de um entrosamento e coordenação indispensáveis.

2. *Situação econômica.* — Este aspecto foi pouco abordado na avaliação dos Regionais. Somente duas Regiões apresentaram dados objetivos e técnicos sobre o assunto.

Em geral constata-se um decréscimo na taxa de crescimento da produção. Estes Regionais assinalam, igualmente, uma defasagem entre os vários setores de produção: primário, secundário e terciário. Alguns responsabilizam, mesmo, a atual estrutura agrária como um dos fatores negativos no processo de desenvolvimento.

Em várias Regiões tem havido um esforço sério de criar uma infraestrutura básica ao processo de desenvolvimento: energia, transporte, comunicações.

Convém notar, porém, que crescimento econômico e desenvolvimento não são necessariamente idênticos. Apesar da importância decisiva do fator econômico, constata-se, em muitos casos, elevação da taxa de crescimento econômico, sem o correspondente desenvolvimento integral.

Uma das sérias dificuldades ao desenvolvimento econômico é o problema da mão-de-obra. Existe em excesso mão-de-obra não-qualificada e, ao contrário, há, em geral, uma grande carência de mão-de-obra especializada. Este problema coloca uma das alternativas mais sérias ao nosso processo de desenvolvimento: como conciliar a necessidade do aperfeiçoamento tecnológico com a necessidade de empregar um número crescente que, anualmente, entra no mercado do trabalho? A questão é ainda mais grave se levarmos em conta o número daqueles que hoje não encontram trabalho ou se refugiam nos semi e nos subempregos.

Estes dados coligidos dos relatórios de alguns Regionais são de fato insuficientes, embora signifiquem uma primeira aproximação. Dada a importância, hoje, do fator econômico e sua ligação com os outros fatores, sente-se a necessidade de um conhecimento mais preciso da situação econômica de cada Regional. Estes dados nos permitirão analisar até onde o processo econômico em andamento contribui para uma efetiva promoção humana e maior participação comunitária entre os homens.